



## **REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS E DISCURSIVAS ACERCA DA HOMOSSEXUALIDADE ENTRE DISCENTES DA BAIXADA FLUMINENSE, DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.**

Luciano Luz Gonzaga; Denise Rocha Corrêa Lannes

Universidade Federal do Rio de Janeiro- gonzaga@bioqmed.ufrj.br

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho foi identificar as Representações Sociais acerca de 'gay' entre estudantes do Ensino Médio Regular, em uma escola pública da Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, segundo a orientação sexual e sexo. Foi aplicada uma questão de associação livre de palavras a partir da palavra indutora GAY, bem como uma questão aberta sobre O QUE VOCÊ PENSA DA UNIÃO HOMOAFETIVA. Nossos dados demonstraram uma crença conflitante, indefinida e equivocada acerca do ser GAY em ambos os sexos, assim como discursos coletivos sobre a união homoafetiva de pleno aceite pelas meninas e de homofobia familiar pelos meninos.

### **1-INTRODUÇÃO**

#### **HOMOSSEXUALIDADE, HOMOFOBIA E UNIÃO HOMOAFETIVA: CONVERSA DE ESCOLA?**

De acordo com Fazano, Ribeiro e Prado (2011, p. 66), “A homofobia se caracteriza por sentimentos de ódio, aversão e desprezo contra as representações sexuais que fogem ao modelo heterossexual” intensificando, assim, o preconceito contra homossexuais.

Segundo os autores (Op.cit, p. 66), a escola não colabora para a desconstrução da homofobia, ao contrário, corrobora com o modelo heterocêntrico. Para Koehler (2009), os debates em torno da homossexualidade nas escolas são fundamentais para a “socialização e a humanização” e, portanto, “possibilitar a compreensão dos diferentes tipos de relações sociais” (p. 590). No entanto, diante dessa premissa, nos surge uma premente pergunta: as escolas, através dos seus respectivos professores, estão preparadas para esta conversa? Conforme Maistro (2006, p.06), cabe às escolas um planejamento e ações pedagógicas sistemáticas. “Não se trata de palestras [...], mas sim de um canal permanentemente aberto para que as questões

sobre a sexualidade possam ser discutidas com crianças e adolescentes, de maneira séria, clara e ampla”. No entanto, para a socióloga Berenice Bento, os professores não são e não estão preparados para essa discussão e as escolas, por sua vez, se apresentam “como uma instituição **incapaz** de lidar com a diferença e a pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade” (2011, p555, grifo nosso).

É bem verdade que nos últimos anos têm-se percebido uma maior visibilidade em torno do tema homossexualidade (JUNQUEIRA, 2009), seja na mídia impressa ou televisiva, principalmente no que tange ao questionamento da união homoafetiva e da adoção de crianças, causando calorosos debates na sociedade.

Embora o Supremo Tribunal Federal (STF) considere a união homoafetiva como regime jurídico de união estável, existe uma distância



entre o que diz a Lei e o que de fato as pessoas pensam e agem sobre o tema. Exemplos sobre essa questão são a dificuldade de adoção de crianças por famílias homoparentais (SANTOS, SCORSOLINI-COMIN, SANTOS, 2013); o número expressivo de assassinatos por homofobia, colocando o Brasil em primeiro lugar no Ranking desse tipo de crime (PEREIRA et al, 2013) e o “heteroterrorismo” nas escolas, culminando na “expulsão” de estudantes gays que não suportam tal pressão (BENTO, 2011, p. 551).

Assim, tomando como base a noção de que homossexualidade é um conceito construído e compartilhado socialmente, bem como só pode ser entendido dentro de um contexto social e histórico. Desta forma, utilizaremos o aporte teórico da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) para que, partir do senso comum acerca da homossexualidade, possamos identificar opiniões, atitudes e estereótipos.

Segundo Abric (1994, p.13) “a representação social como visão funcional do mundo, que permite ao indivíduo ou grupo dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referência, logo, adaptar-se e definir seu lugar nessa realidade”.

Destarte, é fundamental considerar quais são as representações sociais em torno do ser gay e como os indivíduos que “incorporam” essas representações sociais as comunicam. Pois, para Pereira e colaboradores (2011), identificar o que as pessoas têm sobre a natureza dos grupos sociais são fatores fundamentais para a compreensão das tensões intergrupais.

Assim sendo, analisar a representação acerca da palavra indutora GAY que estudantes do ensino médio, de uma escola pública da periferia do Estado do Rio de Janeiro, explicitam o seu conteúdo, as suas dimensões

e o seu processo de formação, significa oferecer informações de especial relevância para a compreensão de determinadas atitudes e/ou comportamentos desses adolescentes acerca de um tema tão controverso e polêmico (MENEZES, MENEZES e LUDWIG, 2013), uma vez que há uma “preocupação ampla com a análise de respostas sociais ao reconhecimento dos direitos das pessoas LGBT, na região metropolitana do Rio de Janeiro, focalizando a Baixada Fluminense” (NATIVIDADE e BILATE, 2010, p.1).

## **2-METODOLOGIA – PARTICIPANTES**

O grupo social escolhido para a realização deste trabalho é composto de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública, moradores do município de Nova Iguaçu, Região da Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro.

Dos 105 alunos matriculados na última etapa da educação básica, 50,5% são do sexo feminino e 49,5% do sexo masculino, sendo que destes, 95,3% se autodefinem heterossexuais. Compondo, assim, a nossa amostra.

O baixo percentual de alunos (4,7 %) que se autodefine como homossexual ou bissexual, num universo de 105 alunos, talvez se deva ao fato de que “muitos adolescentes homossexuais são forçados a se tornarem invisíveis nos espaços escolares e na família” (FAZANO, RIBEIRO e PRADO, 2011, p. 69).

A idade dos participantes varia de 16 a 19 anos (M= 17,1 anos; DP= 2,12). Todos são solteiros e apenas 7% são trabalhadores. 53% se identificam como católicos, 34% como evangélicos, 11% como espíritas e 2% não responderam.

### **2.1- INSTRUMENTOS DE PESQUISA**



Com o objetivo de caracterizarmos melhor a nossa amostra, aplicamos um questionário estruturado a fim de obter a idade, a orientação sexual, o estado civil, a orientação religiosa e a situação trabalhista dos estudantes da última etapa da educação básica.

Para proceder a coleta e a análise de dados da representação, foi escolhido o Teste de Associação Livre de Palavras, cuja técnica permite ao sujeito falar e escrever vocábulos que lhe venham à mente, após ser estimulado por uma palavra ou expressão indutora que caracteriza o objeto de estudo (SÁ, 2002).

A análise e o tratamento dos dados obtidos pelos testes de associação livre de palavras foi realizada com o auxílio do software EVOCATION 2000 (VERGÉS et al, 2002) que, a partir da frequência da ordem das palavras evocadas e da prevalência em que elas foram citadas, foi nos permitido identificar os blocos de palavras centrais e periféricas das representações sociais de estudantes do sexo feminino e masculino sobre a palavra indutora GAY.

Em etapa posterior às Representações Sociais, aplicamos aos sujeitos da pesquisa um questionário com uma pergunta aberta sobre o que VOCÊ PENSA DA UNIÃO HOMOAFETIVA?. Para essa análise, utilizamos a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo- DSC (LEFEVRE, CRESTANA e CORNETA, 2003) que é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos.

O DSC é “a reunião em discursos-síntese dos conteúdos e argumentos que conformam opiniões semelhantes” (LEFEVRE e LEFEVRE 2010, p. 17) e que deve ser redigido na primeira pessoa do singular, com vistas a produzir no receptor o efeito de uma opinião coletiva. Tendo como fundamento a teoria da Representação Social e seus pressupostos sociológicos, a proposta consiste

basicamente em analisar o material verbal coletado, extraído de cada um dos depoimentos.

### **3-REVELANDO OS RESULTADOS:**

A Teoria do Núcleo Central informa que, para se entender adequadamente as representações, não basta saber o seu conteúdo, é preciso também conhecer a organização interna da mesma (ABRIC, 1998).

O Núcleo Central é decisivo na inflexão que o sentido de um dado objeto assume para um grupo em um dado contexto histórico e cultural (SÁ, 2002), representando, portanto, o caráter inegociável de um grupo.

Ao redor do Núcleo Central, Abric (1998) considera existência do sistema periférico. Esse sistema fornece coerência ao fato das Representações Sociais serem, ao mesmo tempo, rígidas e flexíveis, estáveis e móveis. São os elementos periféricos que dão mobilidade e flexibilidade ao sistema representacional e, assim, regulam e adaptam o sistema central aos constrangimentos e às necessidades cotidianas do indivíduo e/ou grupo, além de protegerem o Núcleo Central.

Com base nas informações supramencionadas e entendendo que o comportamento das pessoas é mediado pelas Representações Sociais que se tem às reações das pessoas frente a outras pessoas. O presente trabalho utilizou-se desse aporte teórico para identificar o conteúdo e a estrutura das Representações Sociais de estudantes da última etapa da educação básica acerca da palavra indutora GAY.

Dessa forma, ao verificarmos o conteúdo da representação dos 95,3% dos estudantes heterossexuais acerca da palavra indutora GAY, notamos que as evocações que tiveram maior frequência e prevalência possui uma representação indefinida, conflituosa e equivocada, pois há uma contraposição entre



os vocábulos expressos como 'preconceito' (f=49; OME=3,32) 'alegre' (f=78; OME=3,46) e 'bicha' (f=39; OME=2,79); a declaração de aceitação proposta pelas evocações 'corajoso' (f=20; OME=3,60), 'liberdade' (f=16; OME=2,87), 'normal' (f=15; OME=2,53) e equivocada pela evocação 'opção' (f=44; OME=3,02).

Portanto, analisar a Representação Social de todos os estudantes, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, revelaram uma crença incongruente a cerca do ser GAY e, talvez por existir uma representação indefinida e permeada de estereótipos preconceituosos, o estudante não heterossexual tenha receio de se expor e se colocar numa posição de risco, pois não sabe, ao certo, qual será a conduta dos outros alunos.

Desta forma, com a finalidade de identificar qual o sexo foi mais contundente no aspecto conflitante da representação, analisamos a Representação Social acerca de GAY, separadamente.

No que tange ao sexo feminino, Ao analisarmos detidamente o Núcleo Central da representação, configuramos uma representação que apresenta pressupostos sobre determinadas características impostas pela mídia, como: 'alegre' (f=44; OME=3,27), 'diferente' (f=43; OME=2,30) e, pelo fato de ser sui generis da heteronormalidade sofrer 'preconceito' (f=30; OME=3,07) (SILVA, 2007; DARDE, 2008), ao mesmo tempo que se contrapõe à necessidade de haver 'respeito' (f=12; OME=3,50) pela 'opção' (f=29; OME=3,28), de um grupo que busca contentamento na sua 'liberdade' (f=12; OME=2,57) de expressão.

Em relação aos meninos da nossa amostra, o Núcleo Central demonstra uma representação mais preconceituosa e por vezes mais hostil que as meninas configurada através da troca

das citações 'feliz', 'liberdade' e 'respeito' pela citação 'bicha' (f=34; OME=3,30), a qual de acordo com Marsiaj (2003, p.142), corresponde a um termo utilizado para designar "devassos, pobres e marginalizados". Gostaríamos de chamar atenção para o surgimento do vocábulo 'opção' fazendo elo com o vocábulo 'diferente' encontrado nas duas representações, tanto das meninas quanto dos meninos. Nessa junção, notamos que, independente do preconceito expresso, ser gay para esses grupos é uma escolha, é algo que se possa optar no desenvolvimento da sexualidade e como essa escolha não corresponde aos padrões da sociedade heterossexista é tida e vista como uma opção diferente.

Dessa forma, como ser gay talvez seja uma 'opção diferente' pois transgride os padrões cristãos, como: "Deus fez o homem e a mulher [com sexos diferentes] para que cumpram seu papel e tenham filhos" - frase popular anônima, que tem a concordância de 11 em cada 12 brasileiros/as- (VENTURI, 2008, s/p.), demonstrando, assim, o quanto a inserção do discurso religioso está presente na representação contrária acerca da constituição familiar por pessoas do mesmo sexo.

Assim, partindo dessa premissa, resolvemos colher os discursos dos estudantes acerca da seguinte questão: O QUE VOCÊ PENSA DA UNIÃO HOMOAFETIVA?

De acordo com Lefevre e Lefevre (apud Falcão e Roquete, 2007), o que as pessoas pensam ou enunciam como respostas a uma indagação,

"[...] reflete o compartilhamento de um imaginário social, comum, coletivo, existente num determinado momento. Os pensamentos contidos em expressões individuais representam mais do que um pensamento individual sobre um dado tema, eles revelam elementos do imaginário coletivo de um grupo" (p. 07).

Portanto, Entre os 105 estudantes que compõem a nossa amostra, 95,2%



responderam a seguinte pergunta aberta: O que você pensa da união homoafetiva? As respostas foram analisadas, as Expressões-chave (E-ch) foram identificadas e classificadas de acordo com a Ideia Central (IC) que elas expressavam.

Em uma primeira análise validamos o discurso do sujeito coletivo, uma vez que as respostas dos sujeitos apresentaram alto grau de homogeneidade. As Ideias Centrais de discursos isolados foram descartadas.

A análise das respostas revelou um total de duas (2) Ideias Centrais válidas, a saber: (1) para as estudantes heterossexuais: sou a favor, o amor é mais importante (com 53%) e (2) para os estudantes heterossexuais: sou contra, acho tudo uma palhaçada! (com 74%).

#### **DSC- Meninas:**

“Não vejo nenhum problema porque se duas pessoas se amam, não importa o sexo, o que importa é o amor, carinho, afeição e atenção. Se duas pessoas se gostam, elas têm que ficar juntas e serem felizes. Se gostam e querem ser felizes o problema é delas. Toda a pessoa deve casar com quem ama, não importa o sexo. Não vejo nenhum problema, se gostam e têm vontade de casar que casem. Casamento é para quem se ama, então se eles se amam que fiquem juntos”.

Interessante perceber que, para o grupo de meninas, o amor é a condição sine qua non para o casamento, reconhecendo a importância do carinho, da afeição e da atenção para a construção da união entre duas pessoas prezando, assim, uma característica do público feminino que é o romantismo (GOZZO et al, 2000).

Para esse grupo parece existir uma lógica contemporânea em que a união dura enquanto durar o amor.

Em relação ao sujeito coletivo “estudante masculino heterossexual”, o discurso é de expressiva aversão, considerando uma ‘palhaçada’, uma brincadeira de péssimo

gosto e até abominação à união de pessoas do mesmo sexo.

#### **DSC- Meninos:**

“Não sou a favor dessa palhaçada e nunca vou ser. Isso é uma palhaçada, tinha que acabar com esses homossexuais. É feio duas pessoas do mesmo sexo se juntarem como se fosse normal. Uma palhaçada sair nas ruas com o seu filho e ver dois homens se beijando, isso é normal? Acho feio, não concordo com o casamento gay. Eu até sou capaz de respeitar, mas abomino. Como pode o governo querer implantar uma lei em igrejas para aceitar o casamento gay? Uma tremenda palhaçada e viadagem. Imaginem se quiserem adotar um filho, a criança será muito infeliz por não entender o namoro de um homem com outro homem”.

É surpreendente que, para esses meninos que vivem na pós-modernidade, não é concebível outro modelo de família que não seja pela ideia tradicional construída a partir do “casamento heterossexual, monogâmico e procriador” (SANTOS, SCORSOLINI-COMIM e SANTOS, 2013, p. 572).

Um dado não expresso nos discursos das meninas, porém relatado pelos meninos, foi a possibilidade de adoção por famílias homoparentais, indicando a falta de correlação entre a união homoafetiva e a formação de uma família. O que parece sugerir que, pelo fato de gays fazerem parte de um grupo socialmente estigmatizado, parece influenciar sua capacidade de conciliar as ideias de ser homossexual e mãe/pai em uma sociedade heterossexista.

A ausência da adoção de crianças e da formação de uma família no discurso das meninas surge da incapacidade, ainda, de conciliar as ideias de ser homossexual e mãe/pai. A formação familiar no imaginário social desses estudantes é a família nuclear heterossexual.



Entretanto, é preciso reconhecer a sua diversidade, com legitimidade, inclusive no que diz respeito a adoção por casais homoafetivos. Casos desta natureza deixaram o cenário da invisibilidade para emergir como sujeito de direitos, amparados pelo Estado (MELLO, 2005).

Estaria a escola preparada para lidar com todas estas mudanças? Estaria o professor preparado para lidar com crianças e jovens adotadas por famílias homoafetivas? Estaria a escola preparada para ações educativas para inclusão da diversidade sexual?

Concordamos com Borges e Meyer (2008), quando dizem que a escola não se resume a ser o reflexo em microescala dos valores, crenças e moralidades da sociedade maior. Ela é um espaço com grande potencial para reflexão sobre a sociedade e seus mecanismos de exclusão social.

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização deste estudo nos permitiu conhecer um pouco mais sobre a crença acerca do ser gay, já que é um assunto vasto, que deriva várias abordagens e problemas no contexto sociocultural em que vive a pessoa gay na atualidade.

A Baixada Fluminense, local de realização deste trabalho, de acordo com o levantamento realizado pelo Centro de Referência LGBT, é o local do Estado do Rio de Janeiro onde há mais mortes a gays e ataques homofóbicos (JORNAL O DIA, 24/03/2012).

Assim, embora este trabalho seja um estudo de caso, pelo que não pode ser generalizável, possui grande relevância, pois apresenta um recorte de como jovens da última etapa da educação básica, isto é, jovens prestes a ingressarem em uma universidade e/ou no mercado de trabalho e de futuros formadores de suas próprias famílias, internalizam o GAY

em suas crenças e o que pensam sobre a união homoafetiva.

Os dados apresentados revelaram uma crença conflitante e indefinida acerca da Representação Social da homossexualidade, demonstrando o quanto essa juventude está confusa, limitada a pensamentos preconceituosos e equivocados sobre gênero e sexualidade, bem como a conflitos internos que podem ser manifestados sob as diferentes formas de violência.

Portanto, algumas perguntas se fazem prementes para nortearmos futuras pesquisas: como a escola pública pode trabalhar as diferentes masculinidades, feminilidades e a homossexualidade sem cair nos estereótipos e banalizações? Como enfrentar a intolerância, muitas vezes usadas para justificar o poder patriarcal e o modelo tradicional de família imposta pela igreja?

Não se pode deixar de destacar o papel específico da escola pública e sua função política e social como uma instituição que deve estar orientada pela lógica da inclusão, o que significa permitir o acesso ao conhecimento a todos, respeitando as diferenças sociais, raciais, religiosas e orientações sexuais.

#### **5-REFERÊNCIAS**

ABRIC, J. C. L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In: GUIMELLI, C (Org.) **Structures et Transformatwms des Représentations Sociales**. Neuchâtel: Delpensaux et Niestlé. 1994.

ABRIC, J. C. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1998, 106 p.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19 (2): 336, maio-agosto. 2011.



BORGES, Z. N. & MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, 16, 59-76. 2008.

COUTINHO, M. P. L.; LIMA, A.S.; FORTUNATO, M.L.; OLIVEIRA, F.B. **Representações sociais: abordagem interdisciplinar**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2001.

DARDE, V.W. da S. A construção de sentidos sobre a sexualidade na mídia brasileira. **Em aberto: comunicação e informação**, n. 2, v. 14, 2008.

FALCÃO, E. B. M. & ROQUETTE, G. S. As representações sociais de natureza e sua importância para a educação ambiental: uma pesquisa em quatro escolas. **Ensaio**, 2007.

FAZANO, L. C; RIBEIRO, A. I. M; DO PRADO, V. M. Homofobia na escola: o discurso indiferente ao aluno diferente. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 10, n. 2, p. 65-72, 2012.

GOZZO TO, FUSTINONI SM, BARBIERI M, ROHER WM, FREITAS IA. Sexualidade feminina: compreendendo seu significado. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 8 (3):84-90. 2000.

JORNAL O DIA. **Ataques violentos matam um travesti por dia na Baixada Fluminense**. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/portal/rio/ataques-violentos-matam-um-travesti-por-dia-na-baixada-1.423677>. Acesso em: 26 março. 2015.

JUNQUEIRA, D. R. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 1, 2012..

KOEHLER, S. M. F. A representação social da homofobia na cidade de Lorena/SP.

**Diálogo Educacional. Revista do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, PUCPR**, v. 9, n. 28, Curitiba, set./dez. 2009.

LEFEVRE, A. M. C.; CRESTANA, M. F.; CORNETTA, V. K. A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização “Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde – CADRHU”. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 68-75, jul.-dez. 2003.

LEFEVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Pesquisa de Representação Social: um enfoque qualiquantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010, 224p.

MAISTRO, V.I.A. **Projetos de Orientação Sexual nas escolas: seus limites e suas possibilidades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2006.

MARSIAJ, P. J. P. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cad. AEL**, v.10, n.18/19, 2003.

MELLO, L. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil, **Cadernos Pagu** (24), janeiro-junho, pp.197-225, 2005.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NATIVIDADE, M. T & BILATE, L. F. O global e o local: homofobias, diversidade sexual e religião na Baixada Fluminense. In: **Diásporas, Diversidade, Deslocamentos**, Santa Catarina, 2010. Disponível em:



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278209247\\_ARQUIVO\\_Natividade.BilateST66.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278209247_ARQUIVO_Natividade.BilateST66.pdf). Acesso em: 20 abril de 2015

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

. SANTOS, Y. G. S., SCORSOLINI-COMIN, F., & SANTOS, M. A. Homoparentalidade masculina: Revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26 (3), 572-582. 2013.

SILVA JR, E. de D – **direito à livre orientação afetivo-sexual e à transgeneridade**, 2007. Disponível em: <http://ongmds.blogspot.com.br/2007/11/direito-livre-orientao-afetivo-sexual-e.html> Acesso em: 19 de janeiro de 2016.

VENTURI, G. **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br/>. Acesso em: 24 janeiro de 2016.

VERGÈS, P. et al. **Conjunto de programas que permitem a análise de evocações: EVOC: manual**. Versão 5. Aix en Provence: [S. n.] 2002.